

ELEIÇÕES 98

O MÁXIMO EM INFORMAÇÃO POLÍTICA

São Paulo - Fernando Henrique Cardoso (PSDB) e Luiz Inácio Lula da Silva (PT), nunca estiveram tão perto e, ao mesmo tempo, tão longe um do outro. Nas promessas, os coordenadores dos programas de governo dos dois candidatos a presidente da República listam metas semelhantes. Na prática, os encaminhamentos para o país são divergentes. Na batalha por votos, porém, a redução, só no papel, das diferenças, parece interessar a ambos os lados.

"O programa do PT está cada vez mais parecido com o do PSDB. O PT quer ser confiável. Quer combater a desigualdade social e, ao mesmo tempo, ser confiável ao capital externo e manter a estabilidade da moeda, item que a sociedade espera", diz Ligia Osório, historiadora econômica da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

O PSDB, que por sua vez já se afastou e muito, segundo a professora, da social-democracia, agora acena com um enfoque social para o Real. De fato, desde que o governo viu que sua imagem afetada pelo desemprego e pela recessão, Fernando Henrique anuncia um governo, se reeleito, mais atento às mazelas sociais, muitas delas reflexos do Plano Real. Entre as pro-

postas estão algumas muito semelhantes às do PT.

A despeito da guerra desmedida de promessas que os coordenadores da campanha de Fernando Henrique e Lula fazem na disputa, entre os candidatos, para ver quem se mostra mais afinado às necessidades momentâneas do eleitor, o sociólogo Leôncio Martins Rodrigues, professor da Unicamp, prevê dois cenários.

"Um triunfo de Fernando Henrique representa a continuidade da atual política, com uma pequena abertura para a área social, retreinamento de mão-de-obra e a adoção de medidas ligeiramente protecionistas para defender setores industriais muito fragilizados hoje", diz. A comunidade internacional, segundo ele, ficaria mais tranqüila com a reeleição e estimulada a novas inversões de capital. Com uma vitória de Lula, prevê Rodrigues, haveria inicialmente um impulso inova-

dor, com tentativas de implantar metas de seu programa, que, no entanto, esbarrariam no que ele chama de "choque de realidade", que o PT levaria.

Bolsa-Escola

Na guerra de promessas que assemelham FH e Lula estão, por exemplo, bolsa-escola, política para atender jovens que entram no mercado de trabalho e mais investimentos na saúde. O presidente do Banco Central, Gustavo Franco, porém, já deu seu recado. Não há verbas para atender o social em caso de reeleição. Pela declaração, levou um pito. Além disso, o próprio governo não destina a verba da CPMF só para a Saúde, como previsto na criação do imposto.

O divisor de águas é que a estabilização obtida não permite políticas generosas. Ainda não foi descoberta uma mágica que reduza os juros e mantenha os capitais externos que

estão financiando a balança de pagamentos do Brasil. As taxas de juros comem o orçamento. E há ainda o nó fiscal, gerado pela política de juros acoplada à política cambial.

Na enorme voracidade para ganhar as eleições e cortejar o eleitor, no entanto, o que tem valido mais mesmo hoje é o marketing político. "Os partidos não convencem ninguém ideologicamente. As eleições não tem mais função pedagógica", diz Rodrigues. O que importa é qual candidato aparenta maior eficiência para tocar o País. Todo mundo sabe, diz ele, que as metas só serão parcialmente cumpridas.

UNIDOS PELO PROGRAMA